

## Identificação das crenças em relação à velhice e ganhos percebidos de professores do CIEJA

*Identification of beliefs toward aging and the  
perceived gains of teachers CIEJA*

Benevaldo Ferreira dos Santos  
Tiago Nascimento Ordonez  
Thais Bento Lima da Silva  
Meire Cachioni

**RESUMO:** Neste estudo objetivou-se descrever características sociodemográficas, educacionais e profissionais dos docentes que atuam no CIEJA de Ermelino Matarazzo, zona leste da capital de São Paulo; verificar possíveis ganhos profissionais e pessoais relativos ao trabalho desenvolvido com idosos; identificar crenças em relação à velhice. Por meio dos resultados concluiu-se que, além de o CIEJA ser um local propício de inclusão social e de aprendizagem do idoso, proporciona ao docente trocas pessoais e culturais significativas, que se refletem no próprio processo de envelhecimento.

**Palavras-chave:** *Docentes EJA; Crenças em relação à velhice; Ganhos pessoais e profissionais.*

**ABSTRACT:** *In this study to describe sociodemographic, educational and professional teachers who work in the CIEJA Ermelino Matarazzo, east of the capital of São Paulo; evaluate possible gains for the professional and personal work with the elderly, identify beliefs toward aging. Through the results, conclusion: This CIEJA be a place conducive to learning and social inclusion of the elderly, the teacher provides significant cultural and personal exchanges, which are reflected in the aging process itself.*

**Keywords:** *Adult education teachers; Beliefs toward aging; Personal and professional gains.*

## **Introdução**

É recorrente na literatura a ideia de que problemas sociais vividos pelos idosos são causados, em parte por atitudes preconceituosas das pessoas, de políticos, dos profissionais e das instituições sociais. Embora tenha forte apelo empírico, essa noção corresponde apenas a um dos lados da questão. O outro lado a ser considerado é que a doença, a dependência, o declínio, a improdutividade e a solidão de parte dos idosos são condições que geram avaliações negativas porque se contrapõem a valores que definem o bem-estar das pessoas mais jovens, normalmente tomadas como parâmetro de adequação social (Cachioni, 2003).

A noção de crenças como predisposição socialmente aprendida para o comportamento é aceita clássica e consensualmente pelos psicólogos sociais. Da mesma forma, aceita-se que as crenças assim como as atitudes se organizem em sistemas cujo caráter distintivo é o avaliativo, que se expressa afetivamente em termos de intensidade (mais x menos; ou maior x menor) e direção (positiva x negativa), que orientam a ação e que têm um componente cognitivo (Osgood, Suci & Tannenbaum, 1957). O componente cognitivo é uma estrutura de conhecimentos ou de crenças compartilhadas com outras pessoas.

Tais estruturas possibilitam ao indivíduo organizar e hierarquizar as informações recebidas e assim auxiliam a construção de suas noções sobre o mundo externo e sobre si mesmo. São compartilhadas com o grupo no qual ele está inserido que, por sua vez, mantém estreita ligação com a organização, com a cultura e com o grau de envolvimento e participação dos seus integrantes. Por conseguinte, o que é tido como uma crença válida para determinado grupo pode não ser em outro, dependendo dos eventos sociais, culturais, históricos e políticos que afetam e afetaram a experiência individual e coletiva. Atitudes e crenças são, assim, assumidas como eventos reguladores do comportamento de indivíduos e grupos. Ambos os conceitos têm largo trânsito quando o interesse é conhecer preditores afetivos e cognitivos do comportamento em relação a objetos sociais, caso da velhice e dos idosos.

Palmore (1990) acrescentou novo elemento à análise das atitudes em relação à velhice quando estabeleceu os conceitos de preconceito positivo e negativo. Para o autor, considerar todos os idosos como sábios esconde uma falsa crença positiva e um compromisso pretensamente positivo com os velhos que não condiz com a realidade. Preconceitos e estereótipos positivos podem ser disfuncionais para a autoestima, o senso

de autoeficácia e a inserção social dos idosos. Levy (2001) chamou a atenção para os preconceitos implícitos, que existem e operam sem o conhecimento ou o controle conscientes das pessoas, que assim podem achar normais as formas de tratamento discriminativas a que são submetidos no trabalho, na propaganda ou nos serviços de saúde.

Segundo Schaie (1993), na formação das atitudes e crenças em relação à velhice têm grande peso as opiniões e as ações dos cientistas e dos profissionais de ajuda, as quais muitas vezes são preconceituosas. Vejam-se exemplos: a) considerar os idosos como uma categoria homogênea, sem levar em conta que diferentes condições de saúde e de estilo de vida se refletem em diferentes manifestações de competência comportamental; b) atribuição prévia de dependência física, depressão e doença aos sujeitos idosos; c) inadequação de instrumentos, instruções, equipamentos e ambientes usados nas situações de avaliação e de coleta de dados; d) confusão entre os efeitos da velhice com os da pobreza, da doença, ou do baixo nível educacional; e) desconsideração das circunstâncias históricas como determinantes de estilos de vida e de valores dos mais velhos; f) desconsideração dos limites que o envelhecimento normal impõe ao funcionamento dos seres humanos, em favor da falsa crença no poder irrestrito da ciência de impedi-lo ou de restaurar a juventude.

Ao analisar-se a literatura referente às crenças de profissionais em relação à velhice é possível observar duas vertentes distintas. Por um lado, estudos que investigam profissionais da área da saúde, ou mesmo outros profissionais de outras áreas, que convivem com idosos em situação de fragilidades, patologias, institucionalizados e com pouca autonomia, tendem a ter crenças realistas com forte tendência negativa, relacionando estas crenças não somente às perdas, aos aspectos físicos e patológicos, como também ao papel do idoso em família e na sociedade, ou seja, os fatores negativos são potencializados; contudo as vantagens de ter conseguido atingir a longevidade são citadas com menor intensidade. Em estudo realizado por Franch e Mosher-Ashley (2000) com formandos em psicologia, que faziam seus estágios em Instituições de Longa Permanência, foram encontradas crenças com tendência negativa perante a velhice e o processo de envelhecimento, no que se refere às percepções sobre saúde mental, cuidado e atenção prestados pelos familiares, de ajustamento, e referente a padrões de morbidade. Outro estudo mais recente realizado por Santos e Meneghin (2006) foi a respeito das concepções de alunos de graduação em enfermagem sobre envelhecimento e velhice, quando foram verificadas as crenças de 49

alunos do referido curso. Os pesquisadores evidenciaram crenças baseadas no senso comum entre os estudantes citados, que viam o processo de envelhecimento relacionado quase unicamente a perdas, o que gerou crenças negativas em relação aos idosos.

Outra vertente que se apresenta na literatura relacionada nos estudos é a tendência de crenças positivas em relação aos idosos. Dados com este perfil aparecem em estudos realizados com profissionais que lidam com idosos que dispõem de maior bem-estar psicológico e subjetivo, devido a sua autonomia, funcional, financeira e social. Essa tendência positiva é demonstrada na maior parte, e de maneira recorrente, em estudos realizados com professores das Universidades da Terceira Idade, de Centros de Convivência e outros ambientes onde os profissionais lidam com idosos autônomos, em que o envelhecimento tende a ser visto como o vencer de um desafio e processo natural da vida, com os fatores positivos da velhice potencializados, sendo que nestes casos os fatores de perdas e adaptações são citados com menor intensidade (Bissoli, 2008).

### **Os Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos – CIEJA**

Os Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos - CIEJAs são unidades educacionais que promovem, como direito público e subjetivo, a educação de jovens e adultos, numa ação educacional que considera as características dessa população; contempla novas formas de ensinar e aprender e implanta um modelo que articula a Educação Básica, Ensino Fundamental e a Educação Profissional de nível básico (CNE, 2000).

Fez-se oportuno que o presente estudo tenha sido realizado em uma escola pública, pois pode contribuir para a geração de conhecimento, inclusive dando subsídios acadêmicos a partir do estudo das crenças dos docentes, profissionais que estão envolvidos no acolhimento, na difusão de conceitos e valores, tanto junto aos idosos, As crenças destes profissionais podem gerar ou reforçar atitudes e comportamentos em relação à velhice, contribuindo de forma negativa ou positiva para o acolhimento do aluno idoso na escola.

Baseando-se nesse contexto, objetivou-se no presente estudo descrever características sociodemográficas, educacionais e profissionais dos docentes que atuam no Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos de Ermelino Matarazzo, zona

leste da capital; Verificar possíveis vantagens profissionais e pessoais para trabalhar com idosos; e por fim identificar crenças em relação à velhice.

## **Métodos**

### **Participantes**

Participaram do presente estudo docentes do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos – CIEJA, de Ermelino Matarazzo. Esta unidade escolar conta com um corpo docente composto por 22 professores todos com nível superior, concursados e efetivos no quadro de servidores públicos do Município de São Paulo, lotados em diferentes escolas municipais e designados para trabalhar no Projeto CIEJA, sendo que dentre estes 4 ocupam cargo de coordenação administrativa e pedagógica. Foram convidados a participar da pesquisa apenas os docentes que atuavam diretamente em sala de aula e todos concordaram, contamos então com o número de 18 participantes.

### **Instrumentos**

Os dados foram coletados mediante: a) um *questionário* com questões fechadas e abertas que visa ao levantamento de dados sociodemográficos, profissionais e educacionais; b) uma escala diferencial semântica de crenças sobre a velhice, construída por Neri (1991; 1995; 1997).

A estrutura dessa escala foi descrita fatorialmente em termos cognitivos, ou relativos à capacidade de processamento da informação e de solução de problemas, com reflexos sobre a adaptação social (10 itens), de agência, isto é autonomia e instrumentalidade para a realização (6 itens), de relacionamento social, cobrindo aspectos afetivo-motivacionais. Refletidos na interação social dos idosos (7 itens) e alusivos à imagem social (*persona*), por se acreditar que refletem os rótulos sociais comumente usados para designar e discriminar pessoas idosas (ver Quadro I). Nos resultados do estudo estão descritas análises com todos os domínios.

**Quadro 1.** Categorias de Atributos da Escala Neri para Avaliação de Crenças em Relação ao Idoso. (\*) (\*\*) e (\*\*\*)

Cognição	Agência	Relacionamento Social	Persona
1. Sábio-tolo	6. Entusiasmado-deprimido*	2. Construtivo-destrutivo*	4. Aceito-rejeitado*
21. Claro-confuso*	11. Saudável-doentio*	3. Bem-mal-humorado	7. Integrado-isolado*
23. Preciso-impreciso*	13. Ativo-passivo	5. Confiante-desconfiado*	8. Atualizado-ultrapassado*
25. Concentrado-distraído	16. Esperançoso-desesperado	12. Cordial-hostil	9. Valorizado-desvalorizado
26. Rápido-lento*	18. Independente-dependente*	15. Interessado-desinteressado pelas pessoas*	10. Agradável-desagradável
27. Flexível-rígido	19. Produtivo-improdutivo	17. Generoso-mesquinho*	20. Progressista-retrógrado
28. Criativo-convencional		22. Condescendente-crítico	14. Sociável-introvertido
29. Persistente-inconstante			
30. Alerta-embotado*			
24. Seguro-inseguro*			

(\*) Conceito “O idoso é”.

(\*\*) Os numerais à esquerda dos itens indicam sua ordem de aparecimento no instrumento. Os asteriscos indicam que o item foi invertido para aplicação.

(\*\*\*) Os sujeitos são convidados a responder por escrito assinalando o ponto correspondente à sua avaliação, item a item, numa escala de cinco pontos ancorada pelos dois adjetivos opostos.

## Local de investigação

A proposta do CIEJA foi concebida como uma alternativa de inclusão de jovens acima de 14 anos e adultos com baixa escolaridade e qualificação profissional, no mundo sócio-escolar. Atualmente o CIEJA de Ermelino Matarazzo conta com uma população significativa de alunos idosos matriculados no curso para realização do Ensino Fundamental. O ingresso ou reingresso de idosos aos bancos escolares aponta para a necessidade desse grupo etário de acesso a novas ocupações ou aperfeiçoar-se nas ocupações atuais. Demonstra também que a busca do conhecimento e de aquisição de novos valores podem ser almejados em qualquer momento da vida. Neste contexto, parece-nos importante conhecer o perfil dos profissionais da área da educação, que lidam com idosos para buscar propostas de atendimento compatíveis com as novas imagens do envelhecimento.

## Procedimentos

- a) Entendimentos com a coordenação do CIEJA, no sentido de realizar o primeiro contato com os participantes.
- b) Foi realizada uma confecção de uma listagem dos docentes, para que pudesse ser feito a adequada explicação sobre os intuitos da pesquisa e possíveis agendamentos de entrevistas.
- c) Coleta de dados, que foi realizada pelos pesquisadores do projeto.

## Análises Estatísticas

As informações obtidas mediante a aplicação dos instrumentos foram submetidas à análise estatística descritiva de natureza univariada e bivariada. Para descrever o perfil da amostra, segundo as diversas variáveis em estudo, foram feitas tabelas de frequência das variáveis categóricas e estatísticas descritivas, como medidas de posição e dispersão, das variáveis contínuas.

Todas as variáveis contínuas de interesse desse estudo foram submetidas ao teste de *Shapiro-Wilk* e, deste modo, identificou-se a presença de distribuição normal e que estas variáveis exigiriam testes paramétricos. Portanto, para comparação das variáveis contínuas entre 2 grupos foi utilizado o teste *t* de *Student*. Para analisar a relação entre as variáveis numéricas foi utilizado o coeficiente de correlação de *Pearson*. Valores próximos de +1 indicam forte correlação entre os valores, enquanto que valores próximos de 0 mostram ausência de relação entre as variáveis (Hair; Tatham; Anderson & Black, 2005).

Para analisar a consistência interna da Escala de Crenças em Relação à Velhice foi calculado o coeficiente *alpha* de *Cronbach*. Para o teste de *Cronbach*, valores de 0,80 são considerados como indicadores de alta consistência interna e valores entre 0,60 e 0,79 como de consistência intermediária (Hair *et al.*, 2005). O coeficiente da escala neste estudo foi de 0,90, o que revela alta consistência interna do instrumento e validade para os resultados que serão apresentados a seguir. Por fim, para entender as relações entre as variáveis em estudo, foi feita uma análise de correspondência múltipla.

Os dados foram digitados no Programa Epidata versão 3.1 e, posteriormente, foram analisados com o programa computacional *Statistica* 7.0 (2004). O nível de significância adotado para os testes estatísticos foi de 5%, ou seja,  $p\text{-valor} < 0.05$ .

## **Análise de Conteúdo**

Para realizar a análise de conteúdo das respostas dos docentes às perguntas abertas, foi utilizado o referencial teórico de Laurence Bardin (1977).

De acordo com este referencial teórico, a análise de conteúdo visa a obter a descrição do conteúdo das mensagens e de indicadores, que podem ou não ser quantitativos, de forma que permita a inferência de conhecimentos relativos à produção e recepção destas mensagens.

Assim, a análise de conteúdo geralmente é realizada por meio de dedução frequencial ou análise por categorias temáticas. A dedução frequencial consiste em enumerar a ocorrência de um mesmo signo linguístico (palavra) que se repete com frequência e, a partir daí, realizar descrições numéricas e análise estatística.

Por outro lado, a análise por categorias temáticas baseia-se no julgamento do codificador, que identifica significações e as caracteriza em uma das classes equivalentes (Caregnato & Mutti, 2006).

A análise de conteúdo é realizada em três etapas:

- 1) pré-análise, que consiste em organizar o material coletado, por meio de leitura flutuante, hipóteses, objetivos e elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação;
- 2) exploração do material, etapa em que os dados são codificados a partir das unidades de registro; e
- 3) tratamento de resultados e interpretação, na qual se realiza a categorização, que consiste na classificação dos elementos de acordo com a semelhança e por diferenciação, podendo ser posteriormente reagrupados caso haja características comuns (Caregnato & Mutti, 2006).



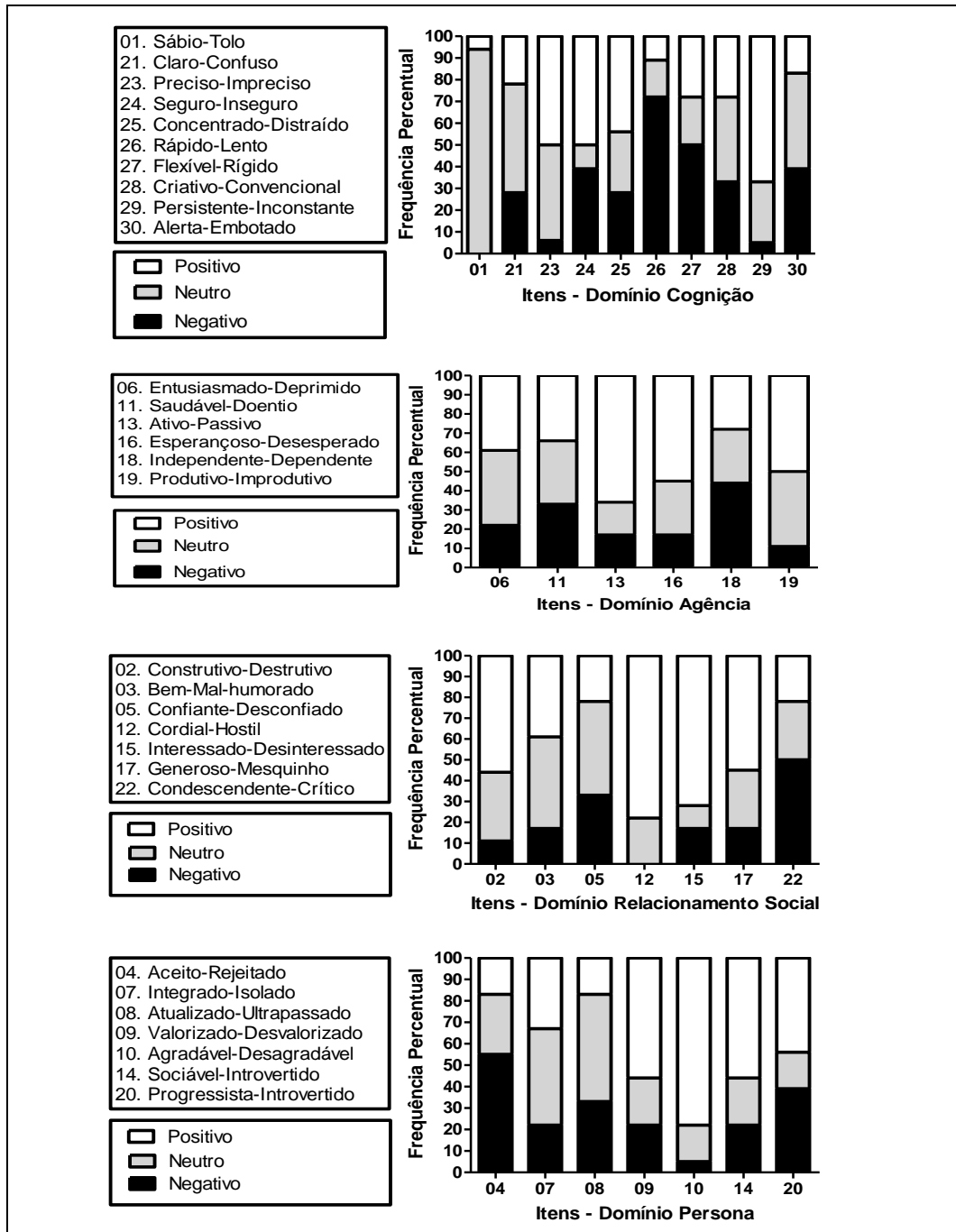
## Resultados

A seguir estão apresentados os resultados da análise sociodemográfica dos participantes. Por meio da Tabela 1, percebe-se que houve mais presença de mulheres (55, 56%), com idade entre 31 e 40 anos (33,33%). A maioria dos participantes apresentou alta escolaridade, 100% (ensino superior completo), e 33,33 (com nível de pós-graduação), lecionando no EJA com tempo médio de quatro anos. Quanto à formação superior, a grande maioria é da área de Humanas 72,22%. A seguir, Tabela 1:

**Tabela 1.** Perfil Sócio-demográfico dos participantes

Variáveis	Categorias	Frequência	%
<b>Sexo</b>	Masculino	8	44,44
	Feminino	10	55,56
<b>Idade (em anos)</b>	20 a 30	3	16,67
	31 a 40	6	33,33
	41 a 50	5	27,78
	51 a 60	3	16,67
	61 a 70	1	5,56
Média (Desvio-Padrão)	42,61 (9,62)		
Mínimo-Máximo	29,00-63,00		
<b>Escolaridade</b>	Graduação	12	66,67
	Pós-Graduação	6	33,33
<b>Ano de Conclusão do Ens. Superior</b>	1960 a 1970	1	5,88
	1971 a 1980	1	5,88
	1981 a 1990	5	29,41
	1991 a 2000	4	23,53
	2001 a 2010	6	35,29
	Não respondeu	1	5,88
<b>Área de Formação (Ens. Superior)</b>	Exatas	5	27,78
	Humanas	13	72,22
<b>Ano de Conclusão da Pós-Graduação</b>	2002	1	16,67
	2004	1	16,67
	2006	1	16,67
	2009	1	16,67
	Não respondeu	2	33,33
<b>Área de Formação (Pós-Graduação)</b>	Supervisão Pedagógica	1	16,67
	Ciências Humanas	1	16,67
	História, Sociedade e Cultura	1	16,67
	Pedagogia	1	16,67
	Gramática da Língua Portuguesa	1	16,67
	Arte Educação	1	16,67
<b>Desde que Ano é docente do CIEJA?</b>	1990 a 1995	1	5,56
	1996 a 2000	1	5,56
	2001 a 2005	10	55,56
	2006 a 2010	6	33,33
<b>Você acha que dar aula para idosos traz ganhos ou vantagens pessoais para os docentes?</b>	Sim	18	100,00
	Não	0	0,00
<b>Você acha que dar aula para idosos traz ganhos ou vantagens pessoais para os docentes?</b>	Sim	16	88,89
	Não	2	11,11

Os resultados do grupo de docentes na Escala de Crenças em Relação à Velhice foram submetidos à análise estatística descritiva de natureza univariada e bivariada. A Figura 1, a seguir, mostra as distribuições das respostas pelos itens da escala agrupados em domínios. A graduação em cinco pontos foi reduzida a três domínios (positivo, neutro e negativo), com intuito de simplificar a apresentação dos dados.



**Figura 1.** Distribuição dos escores positivos (1 e 2), neutro (3) e negativos (4 e 5) para os itens e domínios da Escala de Crenças em Relação à Velhice

Por meio da Tabela 2, percebemos que de modo geral o grupo apresentou tendência geral moderadamente positiva, uma vez que as médias estiveram entre 2,51 e 3,00. O relacionamento social foi o domínio mais avaliado positivamente, em contrapartida, o domínio *Persona*, foi o que recebeu mais avaliações negativas. Com exceção do domínio *Persona*, nenhum domínio apresentou médias iguais ou superiores a 3, o que significa tendência geral positiva. Em nenhum item os participantes responderam sobre o escore 5. Tabela 2, a seguir:

**Tabela 2.** Estatísticas descritivas da Escala de Crenças em Relação à Velhice

Variáveis	Estatísticas Descritivas				
	Média	DP*	Mínimo	Mediana	Máximo
Cognição	2,69	0,69	1,10	2,75	3,50
Agência	2,73	0,56	1,70	2,60	3,70
Relacionamento	2,51	0,64	1,40	2,60	3,40
<i>Persona</i>	3,00	0,74	1,60	3,00	4,60
Crenças (Total)	2,73	0,55	1,50	2,60	3,50

\*DP=Desvio-Padrão

Para saber se os docentes se diferiam em relação ao sexo, na Tabela 3 aparecem dados correspondentes ao teste *t* para amostras independentes. Observa-se que não houve diferença significativa entre os grupos quando se comparou os escores médios em crenças em relação à velhice. Ambos os grupos apresentaram tendência geral positiva na escala de crenças. Tabela 3, a seguir:

**Tabela 3.** Resultados do teste *t* para amostras independentes que comparou os escores médios em crenças em relação à velhice entre os participantes de ambos os sexos

Variáveis	Sexo	Estatísticas Descritivas					<i>p</i> -valor*
		Média	DP	Mínimo	Mediana	Máximo	
<b>Cognição</b>	Masculino	2,75	0,76	1,40	2,80	3,50	0,769
	Feminino	2,65	0,66	1,10	2,75	3,50	
<b>Agência</b>	Masculino	2,82	0,60	2,30	2,65	3,70	0,524
	Feminino	2,65	0,54	1,70	2,60	3,50	
<b>Relacionamento</b>	Masculino	2,63	0,44	1,90	2,65	3,30	0,513
	Feminino	2,42	0,77	1,40	2,35	3,40	
<i>Persona</i>	Masculino	3,19	0,76	2,30	3,15	4,60	0,353
	Feminino	2,85	0,73	1,60	2,95	3,90	
<b>Crenças (Total)</b>	Masculino	2,84	0,54	2,20	2,75	3,50	0,470
	Feminino	2,64	0,58	1,50	2,60	3,40	

\**p*-valor referente ao teste *t* para amostras independentes. Não houve diferença entre os sexos (masculino e feminino).

Em relação à idade, na Tabela 4 são apresentados os dados correspondentes ao teste *t* para amostras independentes, no qual os docentes foram estratificados em dois grupos etários. O grupo formado por docentes mais jovens, com idades entre 29 e 40 anos, tendeu a avaliações mais negativas, quando comparados com os docentes mais velhos; entretanto não foi possível provar tal diferença estatisticamente. Tabela 4, a seguir:

**Tabela 4.** Resultados do teste *t* para amostras independentes que comparou os escores médios de crenças em relação à velhice entre os participantes de dois grupos etários

Variáveis	Idade	Estatísticas Descritivas					<i>p</i> -valor*
		Média	DP	Mínimo	Mediana	Máximo	
<b>Cognição</b>	29-40	2.82	0.75	1.10	2.90	3.50	0,446
	41 ou mais	2.57	0.64	1.40	2.70	3.50	
<b>Agência</b>	29-40	2.82	0.66	1.70	3.00	3.70	0,489
	41 ou mais	2.63	0.46	2.30	2.30	3.50	
<b>Relacionamento</b>	29-40	2.44	0.62	1.40	2.60	3.30	0,670
	41 ou mais	2.58	0.68	1.60	2.60	3.40	
<b>Persona</b>	29-40	3.11	0.77	1.60	3.00	4.60	0,541
	41 ou mais	2.89	0.74	1.90	2.60	3.90	
<b>Crenças (Total)</b>	29-40	2.80	0.60	1.50	2.80	3.50	0,596
	41 ou mais	2.66	0.53	2.20	2.40	3.50	

\**p*-valor referente ao teste *t* para amostras independentes. Não houve diferença entre os grupos etários

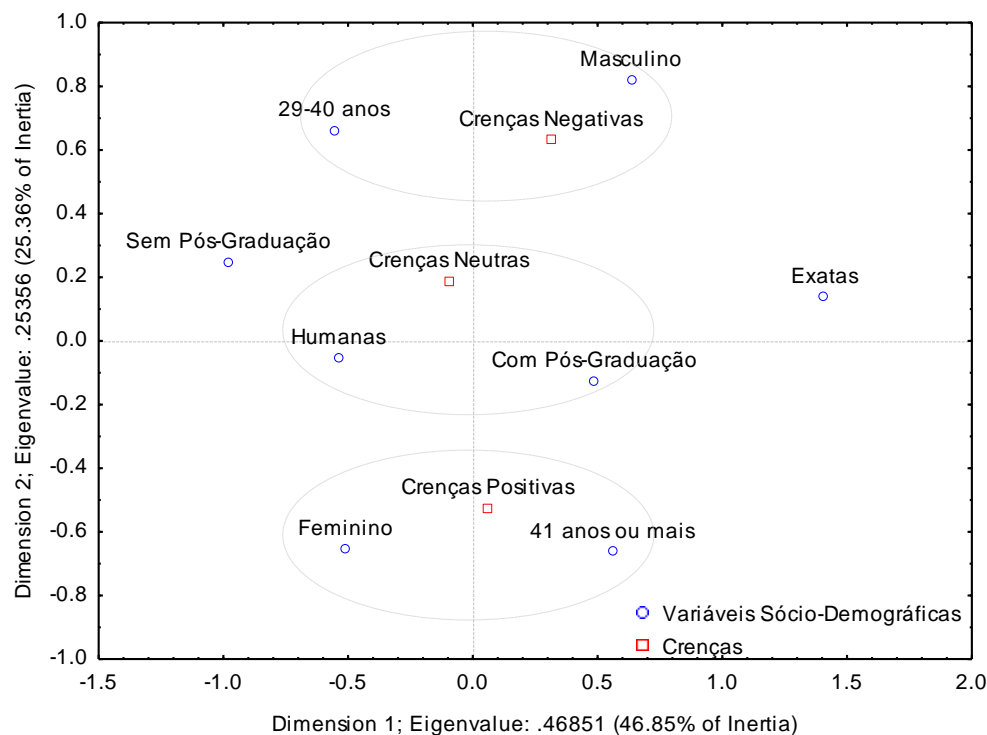
A Tabela 5 apresenta os resultados das correlações entre os escores da Escala de Crenças em relação à Velhice e as variáveis sócio-demográficas idade e escolaridade. As análises não revelaram significância estatística na correlação das crenças com as variáveis sócio-demográficas analisadas. Tabela 5, a seguir:

**Tabela 5.** Correlações entre Crenças em Relação à Velhice e as variáveis sócio-demográficas

Variável	Idade		Escolaridade**	
	<i>r</i> *	<i>p</i> -valor	<i>r</i> *	<i>p</i> -valor
Cognição	-0,26	0,300	-0,06	0,818
Agência	-0,14	0,587	0,09	0,743
Relacionamento	0,34	0,171	-0,02	0,945
Persona	0,06	0,810	-0,35	0,169
Crenças (Total)	-0,03	0,920	-0,12	0,646

\*Coeficiente de correlação de *Pearson*. \*\*Como todos possuem curso superior, a Escolaridade neste caso é uma variável dicotômica, 0=não possui pós-graduação e 1=possui pós-graduação

Por fim, para entender as relações entre as variáveis em estudo, foi feita uma análise de correspondência múltipla. Para tanto, foram selecionadas para a análise as seguintes variáveis: idade, sexo, área de atuação, escolaridade e crenças em relação aos idosos, estas foram estratificadas em três grupos, de modo que se obtiveram avaliações positivas, neutras e negativas em relação a esta etapa do ciclo vital. Figura 2, a seguir:



**Figura 2.** Análise de correspondência múltipla

Na Figura 2, através da análise de correspondência múltipla, é possível verificar as associações entre crenças de modo geral e variáveis sócio-demográficas. Crenças negativas em relação à velhice se associaram a ser do sexo masculino e a ter idade entre 29 e 40 anos. Ter pós-graduação e ser docente da área de humanas se associou a crenças neutras. Em contrapartida, avaliações positivas em torno da velhice se associaram a ter mais de 41 anos de idade e ser do sexo feminino.

A seguir, no Quadro 2, são apresentadas as categorias resultantes da análise de conteúdo das emissões dos docentes entrevistados em relação às duas questões abertas.

**Quadro2.** Vantagens ou ganhos trabalhar com idosos, de acordo com os participantes

	<b>Categoria</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
<b>1. Vantagens ou ganhos pessoais</b>	Troca de experiências	14	77,78
	Crescimento pessoal	6	33,33
	Reconhecimento profissional e vínculos afetivos	4	22,22
	Interesse, disciplina e dedicação por parte dos idosos	2	11,11
<b>2. Vantagens ou ganhos profissionais</b>	Estratégica pedagógica diferenciada	9	50,00
	Aprendizado adquirido a partir de troca de experiências	8	44,44
	Valorização profissional	3	16,67
	Quebra de mitos e preconceitos em relação à velhice	3	16,67
	Não há vantagens ou ganhos profissionais	1	5,56

A primeira questão se refere a ganhos ou vantagens pessoais em lecionar para idosos. A segunda questão aborda o mesmo tema (lecionar para idosos), mas esta questiona opiniões referentes a ganhos ou vantagens profissionais. Os docentes que participaram do estudo foram associados aleatoriamente a números romanos, a fim de preservar a identidade dos participantes.

De acordo com o Quadro 2, acima, dentre os 18 docentes entrevistados, a maioria (77,78%) relatou a troca de experiência como uma vantagem ou ganho pessoal de trabalhar com idosos. Eles relataram que a experiência de vida<sup>V,VI,IX,XI,XIII,XV, XVIII(1)</sup>, a história de vida<sup>XV</sup>, a sabedoria, a bagagem de conhecimentos dos idosos<sup>XVII</sup>, uma vez compartilhada, permite a troca de experiências entre idosos, professores<sup>I,VII,XII</sup> e alunos mais jovens<sup>XVI</sup>. Um aprende com a experiência do outro<sup>XIV</sup>. Os idosos ensinam muitas coisas que podem ser úteis no dia a dia<sup>IX</sup>, que complementam o conhecimento do próprio docente<sup>XII</sup>, interagindo com o conteúdo adquirido em sala de aula<sup>V</sup>.

Os docentes (33,33%) destacaram também que trabalhar com idosos proporciona crescimento pessoal<sup>III</sup> e autoconhecimento<sup>XVII</sup>. Outro benefício de trabalhar com idosos, indicado por 22,22% dos docentes, diz respeito ao reconhecimento profissional<sup>VII</sup>, à valorização<sup>XIV,XV</sup> e o respeito perante o trabalho do professor<sup>XIV</sup>. Eles relatam que os idosos são mais afetuosos que os mais jovens<sup>I</sup>, demonstram mais carinho e afetividade<sup>VII</sup> o que favorece o estabelecimento de vínculos afetivos<sup>XIV</sup>.

Vários docentes (50%) relataram que trabalhar com alunos idosos torna-se um desafio e motiva os docentes a desenvolverem dinâmicas diferentes<sup>XII</sup>, permitindo, na prática, um aprimoramento profissional<sup>III</sup> e uma especialização em uma modalidade de

<sup>1</sup> Os auto-relatos estão presentes no Anexo.

ensino muito particular<sup>XIII</sup>. Assim, dos docentes relataram que desenvolvem uma metodologia diferenciada<sup>III,IV,V,IX</sup>. Trabalhar com idosos, portanto, enriquece a didática<sup>II,VIII</sup>, refletindo em uma melhor qualidade para ministrar as aulas<sup>VI</sup>. Para 44,44% dos docentes entrevistados, a troca de experiências com os idosos proporciona aos docentes não somente ganhos pessoais, como profissionais. A partir da experiência dos idosos, os docentes sentem vontade de aprender, pesquisar e se apropriar de novos conhecimentos<sup>II,VII,X,XII,XV,XVI</sup>. Vivenciam situação em que não é o único que ensina, mas também com o outro<sup>XVII</sup>.

## Discussão

A maior barreira para a transformação de atitudes, crenças e de comportamentos em relação à velhice é a falta de conhecimento científico entre os profissionais de educação e de saúde e a falta de esclarecimento de pessoas de todas as idades sobre as características e as potencialidades do envelhecimento (Bringle & Kremer 1993; Hawkins, 1996; Lowenstein, 2004; Cachioni, 2002; Mehta, Tan & Joshi, 2001; Meyer, 2003; Cachioni & Neri, 2004; Fajemilehin, 2004; McConatha; Rieser-Danner; Harmer; Hayta & Polat, 2004).

Baseando-se nesse contexto, objetivou-se no presente estudo descrever características sociodemográficas, educacionais e profissionais dos docentes que atuam no Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos de Ermelino Matarazzo, zona leste do Município São Paulo. Com base nos dados apresentados neste estudo é possível percebermos a formação em nível superior de todos os professores do CIEJA, requisito básico para pertencer ao quadro de professores do Município de São Paulo. Além da formação superior, 33% dos docentes possui especialização ou pós-graduação na área de humanas. Esse nível de formação acadêmica se deve aos próprios requisitos de ingresso no cargo de docente na rede municipal (Licenciatura Plena) e à busca de crescimento intelectual e profissional dos professores. Também é possível ser observado que a grande maioria dos professores (72,22%.) pertencem à área de Humanas, assim como foi a opção de curso de Pós-Graduação de todos os que fizeram especialização que escolheram a referida área do conhecimento. A boa formação acadêmica permite ao professor dotar-se de maior número de recursos para manejar a demanda, além de proporcionar uma ação educativa mais eficiente.

A análise de correspondência múltipla que foi feita em que se buscou investigar a associação entre os variáveis níveis de conhecimento acadêmico e crenças, verificou-se que, em relação aos professores do CIEJA, o grupo que mais pontuou, em crenças neutras e realistas em relação à velhice, foi justamente os que possuíam Pós-Graduação, ou seja, o maior nível de conhecimento acadêmico aparece relacionado ao menor nível de crenças positivas ou negativas, mostrando uma visão mais equilibrada em relação à velhice. Estes dados concordam com os estudos anteriormente citados, como por exemplo, o estudo de Neri e Jorge (2006), em que os pesquisadores defendem, diante dos resultados e apoiados em vasta literatura, que educar e entender adequadamente os idosos depende da oferta de oportunidades para desenvolver habilidades, valores específicos e conhecimentos.

Outro dado interessante que aparece neste estudo é a média de idade dos professores: a de 42,61 anos, fator que facilita o relacionamento empático com o aluno adulto e idoso. Chama-nos a atenção que 66,68% dos professores lecionam nesta unidade educacional há mais de cinco anos, fato que contribui para a continuidade do desenvolvimento de recursos didáticos, métodos diferenciados de atendimento e identificação, tanto do docente, como da escola com a comunidade educativa de Ermelino Matarazzo.

Esses números concordam com, e dão subsídio para, o que preconiza o Parecer CNE n.º 11/2000, o qual defende que muito mais do que um profissional aligeirado e de boa vontade, o docente deve ter bagagem acadêmica e experiência para que possa nutrir as necessidades dos alunos, tanto gerais, como específicas. Além de possuir capacidade de interação e diálogo com este público diferenciado, quando comparado ao perfil dos demais alunos da rede pública municipal regular.

È importante para quem desempenha um trabalho, serviço ou função ser reconhecido pelo empenho e capacidade em executar sua arte ou ofício. Os professores que têm a oportunidade de desenvolver seu trabalho com grupo de alunos nos quais idosos fazem parte, têm maior possibilidade de experimentar o respeito e a gratidão de quem é ou já foi profissional; de quem tem uma bagagem de vida semelhante a sua; de quem reconhece o esforço e agradece a dedicação. Segundo relato dos professores do CIEJA, os alunos idosos de modo geral apresentam interesse pela disciplina, o que facilita o trabalho em sala de aula e gera menor desgaste, trazendo ganho de qualidade às aulas e fazem com que os professores se sintam vitoriosos com o avanço dos alunos.



Bandura (1997) defende que as expectativas pessoais de sucesso desempenham papel importante na motivação, de acordo com o modelo social cognitivo de motivação que focaliza o papel da eficácia sobre as ações humanas. O referido autor reforça ainda que a experiência de eficácia é o maior determinante para o estabelecimento de metas, escolhas de atividades, disposição para despende esforços e a persistência. O trabalho dos professores do CIEJA com alunos idosos permite reforçar o senso de autoeficácia dos docentes, o que pode ser um fator favorável para o desenvolvimento de crenças positivas e motivação extrínseca das atividades destes profissionais.

Em estudo realizado por Cachioni e Neri (2008), em que se buscou investigar as vantagens associadas ao exercício da docência em Universidades da Terceira Idade, documentou-se que os docentes sentem-se beneficiados pessoal e profissionalmente pelo trabalho com os idosos. Recebem por parte dos alunos-idosos o retorno de que são capazes e competentes, e que desempenham com sucesso a tarefa de educadores; estes fatores contribuem para elevar a autoestima dos professores.

Diante dos dados do presente estudo, pode-se afirmar que são positivas as crenças em relação à velhice dos docentes pertencentes ao CIEJA investigado. Os resultados apresentados corroboram os resultados documentados em outros estudos de caráter nacional, tais como os de Cachioni (2003), Freire, Areais e Rabelo (2001), Resende, Queroz e Freire (1997) e Neri (1995). Também estão em concordância com achados de estudos internacionais, como Delmman; Fowler; Lambert; Fruit e Richardson (1994) e Muñoz; Bernal e Claros (2001).

Foi observado, neste estudo, que a pontuação favorável às características dos idosos pode ser resultante da convivência intergeracional, visto que é uma importante fonte de aprendizagem de atitudes em relação aos idosos. A pontuação mais positiva de todas foi no domínio social; isso pode ter ocorrido pela interação com experiências afetivas favoráveis, ou então como um efeito da expectativa dos respondentes quanto às quais seriam as respostas mais adequadas aos itens de natureza mais claramente afetiva, pois, uma vez respondidos negativamente, denotariam atitudes preconceituosa. Os itens em que os sujeitos pontuaram menos positivamente foram os itens pertencentes aos domínios de cognição e agência, o que sugere em parte a influência das informações sobre velhice; há certo realismo decorrente do estudo e da exposição ao trabalho com a clientela; esses achados entram em concordância com os resultados apresentados por Neri e Jorge (2006).

O presente estudo concorda com o trabalho de Cachioni e Neri (2008), pois os resultados revelaram que, para os docentes, existiam ganhos pessoais e profissionais resultantes do contato com idosos, pois se sentem beneficiados no dia a dia da sua atuação. Seguindo a mesma vertente dos achados de Cachioni e Neri (2008), podemos perceber que a docência a idosos proporciona-lhes trocas pessoais e culturais ricas e significativas. O EJA pode tornar-se um local propício de inclusão social do idoso e reflexão do indivíduo para seu processo de envelhecimento.

Tem-se que pontuar que o estudo da velhice não deve ser confundido com a consideração de aspectos patológicos, e a intervenção junto a idosos deve deixar de caracterizar-se como um processo de reabilitação (Neri & Jorge, 2006). Para que assim haja lugar para a velhice nos currículos de graduação das diversas áreas, em especial aquelas que formam educadores. Do contrário, como destacam diversos estudos, embora haja crenças positivas entre determinados profissionais em relação à velhice, continuarão a predominar preconceitos baseados no senso comum sobre velhice e sobre educação gerontológica (Bringle & Kremer 1993; Cachioni, 2002; Cachioni & Neri, 2004), os quais trarão pouco benefício à melhoria da sociedade e de suas instituições, de seus grupos sociais e de seus indivíduos.

### **Considerações finais**

As crenças sobre velhice vêm aos poucos tomando novos direcionamentos, em virtude do avançar gradual das pesquisas em Gerontologia, que têm oferecido um novo repensar sobre as atitudes e mitos acerca das pessoas idosas. Autores destacam em seus estudos, por exemplo, que a Gerontologia Educacional tem funcionado como uma oportunidade terapêutica sobre a memória, concentração, capacidade cognitiva, relações sociais e aprendizagem de idosos. Por oferecer vias de inserção desses indivíduos em programas educacionais, para o estudante adulto maduro e idoso, por exemplo, pode haver acesso ao saber com autonomia, possibilitando também a conquista de melhor qualidade de vida.

Os dados do presente estudo contribuem para a literatura, uma vez que mostram resultados de crenças positivas de docentes em relação à velhice, contrariando hipóteses de que estes profissionais possuem visões negativas e estereotipadas do envelhecimento, ou até mesmo o contrário, uma supervalorização ou infantilização da velhice.

Em relação à limitação do presente estudo, referencia-se o número de participantes recrutados, visto que esta amostra, por ser pequena, não se torna representativa para a população brasileira que trabalha em ambientes de educação formal para idosos. Entretanto, a realização da pesquisa colabora para o desenvolvimento de estudos na área de Gerontologia Educacional, havendo poucos estudos dessa natureza e a literatura existente ainda sendo incipiente.

Para estudos futuros, sugere-se a reaplicação da presente pesquisa com um número maior de participantes em diferentes locais que ofereçam a possibilidade de desenvolver um programa educacional para idosos, como Universidades Abertas à Terceira Idade, Escolas de Jovens e Adultos, Institutos com programa de alfabetização para idosos, entre outros. Também se sugere a investigação da temática - crenças sobre a velhice - relacionada a outras variáveis, como perspectivas do próprio processo de envelhecimento do entrevistado, atitudes em relação à velhice, satisfação com a vida, bem-estar subjetivo e psicológico, entre outros.

## Referências

- Bandura, A. (1997). *Self-Efficacy: The Exercise of Control*. New York: Freeman.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bissoli, P.G.M. (2008). *Crenças em relação à velhice e o significado de envelhecer entre alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade da EACH USP*. Iniciação Científica. (Graduando em Gerontologia) - Escola de Artes Ciências e Humanidades, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. São Paulo.
- Bringle, R.G. & Kremer, J.F. (1993). *Evaluation of an intergenerational service-learning project for undergraduates*. *Educational Gerontology*, 19(5): 407-16.
- Cachioni, M. (2002). *Quem educa os idosos? Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade*. Campinas: Átomo Alínea.
- Cachioni, M. (2003). *Formação profissional, motivos e crenças relativas à velhice e ao desenvolvimento pessoal entre professores de Universidades da Terceira Idade*. Tese de Doutorado – Concentração em Gerontologia: Faculdade de Educação UNICAMP, Campinas.
- Cachioni, M. & Neri, A.L. (2004). *Educação e velhice bem-sucedida no contexto das Universidades da Terceira Idade*. In: Neri, A.L.; Yassuda, M.S. & Cachioni, M. (Orgs.). *Velhice bem sucedida. Aspectos afetivos e cognitivos*, 46-69. Campinas: Papirus.
- Cachioni, M. & Neri, A.L. (2008). *Motivos e vantagens associados ao exercício da docência em universidades da terceira idade*. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 13(1): 27-54.

Caregnato, R.C.A. & Mutti, R. (2006, out.-dez.). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enferm.*, 15(4): 679-84. Florianópolis.

Conselho Nacional de Educação- Câmara de Educação Básica- CNE (2000), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, parecer número 11, relator conselheiro Carlos Roberto Jamil Cury. Recuperado em 20 junho, 2011, de [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer\\_11\\_2000.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf).

Delmman, J.M.; Fowler, L.; Lambert, D.; Fruit, D. & Richardson, R. (1994). Intergerational sharing seminars: their impact on young adult college students and senior guest students. *Educational Gerontology*, 20: 579-88.

Fajemilehin, B. R. (2004). Attitudes of students in health professions toward caring of older people: needed curricula revisions in Nigeria. *Educational Gerontology*, 30(5), 383-90.

Freire, S.A.; Areais, R. & Rabelo, D. (2001). Atitudes de estudantes universitários das áreas de saúde e humanas em relação à velhice. *Resumos do III Congresso Sul-Brasileiro de Geriatria e Gerontologia, SBGG/SC, 143*. Florianópolis.

Franch, M.E. & Mosher-Ashley, M. P. (2000). College Students attitudes toward residential care facilities. *Educational Gerontology*, 26: 103-10.

Hair, J.F.; Tatham, R.L.; Anderson R.E. & Black, W. (2005). *Multivariate Data Analysis* (5ª ed.). Pearson Education.

Hawkins, M.J. (1996). College student's attitudes toward elderly persons. *Educational Gerontology*, 22(3): 271-9.

Levy, B.R. (2001). Erradication of ageism requires addressing the enemy within. *The Gerontologist*, 41(5): 578-9.

Lowenstein, A. (2004). Gerontology coming of age: The transformation of social gerontology into distinct academic discipline. *Educational Gerontology*, 30(2): 129-41.

McConatha, J.T.; Rieser-Danner, L.; Harmer, K.; Hayta, V. & Polat, T.S. (2004). Life Satisfaction in three countries. *Psychol Rep*, 94(3): 795-806.

Meyer, M. (2003). The current state and developments in Gerontology in European Higher Education. *Educational Gerontology*, 29(1): 55-69.

Mehta, K.K.; Tan, P.P. & Joshi, V.D. (2001). Singapore social work students: attitudes toward older adults. *Asia Pacific Journal of Social Work*, 10(2): 40-54.

Muñoz, L.A.; Bernal, J.L.M. & Claros, F.M. (2001). Los Esteriotipos de La vejez. In: Cañelas, A.J. y Sociás, C.O. *Gerontologia educativa y social: Pedagogia social y personas mayores*. Palma: Illes Balears.

Neri, A.L. (1991). *Envelhecer num país de jovens. Significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Tese de Livre Docência. Universidade Estadual de Campinas, 1988. (Publicada em 1991 pela editora da UNICAMP, coleção Teses).

Neri, A.L. (1995). *Atitudes e crenças em relação à velhice. O que pensa o pessoal do SENAC – São Paulo*. Relatório técnico. São Paulo: SENAC.

Neri, A.L. (1997). Análise de conteúdo de amostra de dissertações e teses em Psicologia e Ciências Sociais produzidas no Brasil no período 1975-1996. *Texto e Contexto: Revista de Enfermagem*, 6(2): 69-105.

Neri, A.L. & Jorge, M.D. (2006). Atitudes e conhecimentos em relação à velhice em estudantes de graduação em educação e em saúde: subsídios ao planejamento curricular. *Estud. psicol.*, 23(2): 127-37. Campinas.

Osgood, C.E.; Suci, G.J. & Tannenbaum, P.H. (1957). *The Measurement of Meaning*. Urbana: University of Illinois Press.

Palmore, E. (1990). *Ageism: Negative and positive*. New York: Springe.

Projeto CIEJA. (2002). *Projeto dos Centros Integrados de Educação de Educação de Jovens e Adultos*. São Paulo.

Projeto CIEJA. (2010). *Projeto Pedagógico do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos de Ermelino Matarazzo*. São Paulo.

Resende, M.C.; Queros, N.E. & Freire, S.A. (1997). Crenças sobre a velhice influenciando o comportamento de lidar com o idoso. *Relatório de Pesquisa de aperfeiçoamento Universidade Federal de Uberlândia- FAPEMIG*, SHA-56895.

Santos, N.C. & Maneghin, P. (2006). Concepções dos alunos de graduação em enfermagem sobre o envelhecimento. *Revista Escola de Enfermagem da USP*, 40(2): 151-9.

Schaie, K.W. (1993). Ageist language in psychological research. *American Psychologist*, 48(1): 49-51.

Recebido em 10/04/2011

Aceito em 26/06/2011

---

**Benevaldo Ferreira dos Santos** - Profissional Graduado em Gerontologia pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Atuação: Secretaria da Criança; Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (CASA), antigamente chamada de Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM); Secretaria Municipal de Educação. Atualmente desenvolve pesquisas na área da gerontologia educacional com ênfase na educação permanente de idosos inseridos em instituições de ensino público.

E-mail: benevaldoinfo@yahoo.com.br

**Tiago Nascimento Ordonez** - Bacharel em Gerontologia pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Pesquisador do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Gerontologia da Universidade de São Paulo.

E-mail: tiagordonez@gmail.com

**Thais Bento Lima da Silva** - Bacharel em Gerontologia pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo e especialista em Neurociências pela Faculdade de Medicina do ABC. Atualmente, mestranda na área de Neurologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, desenvolve estudos na área de cognição do envelhecimento normal e patológico.

E-mail: gerontologathais@gmail.com

**Meire Cachioni** - Pós-doutora em Educação e Doutora em Gerontologia pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do curso de Bacharelado em Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Endereço para correspondência: Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – Gerontologia, Av. Arlindo Bettio, 1000. Ermelino Matarazzo, São Paulo, SP, Brasil, CEP 03828-000.  
E-mail: meirec@usp.br

## **Anexo**

### **Autorrelatos dos participantes**

#### **Vantagens ou ganhos pessoais de trabalhar com idosos**

- I. Trocas de experiências mais ricas e são também mais afetuosos.
- II. Tolerância e conhecimento sobre as características dos idosos.
- III. Crescimento pessoal através do contato com os mais velhos.
- IV. Trabalhar com os pré-requisitos dos idosos acrescenta em nossa didática.
- V. Experiência de vida que é interagida com conhecimento adquirido em sala de aula.
- VI. Experiência de vida, paciência em lidar com a realidade vivenciada.
- VII. É gratificante, permite trocas, reconhecimento profissional, carinho e afetividade.
- VIII. Realização pessoal, é gratificante, sentir-se vitoriosa pela vitória do outro.
- IX. A experiência deles nos ensina muitas coisas que podem ser úteis no dia a dia.
- X. Apresentam maior interesse e disciplina, o que facilita o trabalho do docente.
- XI. Contribuição com conhecimento de vida, são mais dedicados que os jovens.
- XII. Complementar conhecimento, trocar experiências de ambas as partes.
- XIII. Experiência de vida, ideias para interagir, envolvimento.
- XIV. Vínculos afetivos, valorização, respeito, aprender com a experiência do outro.
- XV. A história de vida, a experiência e a valorização do trabalho do professor.
- XVI. Troca de experiências compartilhada entre idosos, alunos mais jovens e professores.
- XVII. Enriquecimento pessoal, sabedoria, bagagem de conhecimentos, autoconhecimento.
- XVIII. Experiências significativas, mudança nas estratégias didáticas, aprendizado.

#### **Vantagens ou ganhos profissionais de trabalhar com idosos**

- I. A árdua tarefa de alfabetizar idosos e quebrar barreiras de quem se acha sábio.
- II. Além de enriquecer nossa didática, o prazer da absorção da aprendizagem.
- III. Aprimoramento profissional, sendo que a metodologia é diferenciada.
- IV. Convivência leva ao desenvolvimento de didática diferenciada.
- V. Desenvolver metodologia diferenciada, obter valorização por parte do aluno.
- VI. Ganho de qualidade na ministração das aulas, experiência de vida.
- VII. Interesse, valorização do professor, apropriação do conhecimento.
- VIII. Melhora na didática, desmistificação de mitos, preconceitos.
- IX. Necessidade de desenvolver didática especial.
- X. Necessidade de pesquisa a partir da experiência que nos faz aprender a cada dia.

- XI. No âmbito da educação, não há ganhos profissionais ou financeiros para o professor.
- XII. O desafio de trabalhar com alunos de dinâmicas diferentes e vontade de aprender.
- XIII. Permite a especialização em uma modalidade de ensino muito particular.
- XIV. Poder mudar a mentalidade sobre o idoso, contribuir para valorização.
- XV. Reconhecimento profissional, respeito, tranquilidade, ganho de conhecimento.
- XVI. Troca de aprendizagem e experiências mútuas com os idosos, especialização.
- XVII. Vivencia situação em que não é o único que ensina, mas também com o outro aprende.